

DOI 10.20396/conex.v17i0.8654674

Relato de experiência

Organização didático-pedagógica das aulas de Educação Física na Educação Básica: entre o “não mais” e o “ainda não”?

Daniel Teixeira Maldonado¹ Diego Pinto Jabois² Marcos Garcia Neira³ 

RESUMO

Relatam-se duas experiências com a tematização dos esportes. A primeira trata de um projeto educativo realizado em uma escola municipal de Itanhaém, com o desenvolvimento de esportes com bastão e/ou implementos, para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. A segunda experiência educativa ocorreu no Ensino Médio, em uma escola da rede federal de ensino, com vivências de esportes coletivos, individuais, radicais e para pessoas com deficiência, além de refletir sobre questões biológicas, fisiológicas, históricas, sociais, econômicas e políticas relacionadas às práticas esportivas. Após as reflexões expostas nesse texto, é possível concluir que entramos em um paradigma em que os professores e as professoras são intelectuais no tratamento da sua própria prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Professores Intelectuais. Prática Pedagógica.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Diretoria de Humanidades, São Paulo – SP, Brasil.

² Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil.

³ Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo – SP, Brasil.

Correspondência:

Daniel Teixeira Maldonado. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo Rua Pedro Vicente, 625, CEP 01109010, São Paulo – SP, Email: danielmaldonado@yahoo.com.br

Recebido em: 15 fev. 2019

Aprovado em: 21 maio 2019

Didactic-pedagogical organization or Physical Education classes at Basic Education: between the “no more” and the “not yet”?

ABSTRACT

This paper retorts two experiences with sports' thematization. The first is an educational project held at a municipal school at Santos, with the development of sports using sticks and/or implements, for students of the late years of Elementary School. The second educational experience was held at High School, in a federal network school, with sports experiences that are collective, individual, radical and adapted for people with disabilities, also reflecting upon biological, physiological, historical, social, economic and political questions related to the practice of sports. After the reflections shown in this paper, it is possible to conclude that we are entering a paradigm in which the teachers are intellectuals in the treatment of their own pedagogical practice.

Keywords: Physical Education. Intellectual Teachers. Pedagogical Practice.

Organización didáctica-pedagógica de las clases de Educación Física en la Educación Básica: entre el “no más” y el “todavía no”?

RESUMEN

Relatan-se dos experiências com o tema de los deportes. La primera describe un proyecto educativo realizado en una escuela municipal de Itanhaém, con el desarrollo de deportes con bate y/u objetos deportivos para estudiantes de los años finales de la Enseñanza Fundamental. La segunda experiencia educativa ocurrió en la Enseñanza Media, en una escuela federal, con experiencias de deportes colectivos, individuales, radicales y para personas con deficiencia, además de reflejar a respecto de las cuestiones biológicas, fisiológicas, históricas, sociales, económicas y políticas relacionadas a las prácticas deportivas. Después de las reflexiones hechas en el texto, es posible llegar al punto que ingresamos en un paradigma en que los profesores y las profesoras son intelectuales en el trato de su propia práctica pedagógica.

Palabras Clave: Educación Física Escolar. Profesores Intelectuales. Práctica Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo relata duas experiências pedagógicas de tematização de esportes nas aulas de Educação Física. Um dos professores leciona na rede municipal de Itanhaém, nas séries finais do Ensino Fundamental. O outro é docente no Instituto Federal de São Paulo, com turmas do Ensino Médio.

Em diversos encontros, principalmente em congressos de Educação Física Escolar, percebemos que existem muitas características parecidas na forma como organizamos os nossos projetos educativos na escola. Sabemos também que existem muitas diferenças na forma de sistematizar a prática pedagógica. Entretanto, como professores da Educação Básica, pensamos as ações didáticas relacionando a teoria com a prática, nos tornando "autores da nossa própria prática pedagógica".

Essa discussão ganha força na comunidade acadêmica da Educação Física, principalmente quando González e Fensterseifer (2009) afirmam que os docentes desse componente curricular estariam em um paradigma intitulado "entre o não mais e o ainda não". Para os autores, existiria um discurso na área para que os docentes abandonassem as suas antigas práticas (modelo pautado na aquisição de habilidades motoras e capacidades físicas para aprender algumas modalidades esportivas e ter uma vida fisicamente ativa) e uma enorme dificuldade para que uma nova forma de organização didático-pedagógica aparecesse no chão das escolas brasileiras.

Depois de discussões, debates e embates entre os professores e as professoras da área, principalmente após o processo de redemocratização do país, muitas propostas pedagógicas para fomentar as aulas de Educação Física foram elaboradas no seio da Universidade. Cada qual contém suas próprias concepções epistemológicas, pautadas por diferentes formas de enxergar o mundo (SILVA, 2013).

Durante o final do século XX e na primeira década do século XXI, tivemos ainda diversas alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a publicação de propostas curriculares em diferentes municípios e estados brasileiros e uma disputa feroz para saber qual concepção teórica teria mais legitimidade para ser "aplicada" pelos docentes de Educação Física que lecionavam na escola.

Arroyo (2013) alerta que o currículo é um território em disputa. Entretanto, os professores e as professoras do "chão da escola" não possuíam a mesma "arma" para disputar de forma igualitária com os docentes que estavam na Universidade e elaboravam essas propostas pedagógicas, tornando-se assim, marginalizados no processo de pensar a prática pedagógica da Educação Física como intelectuais.

Todavia, no final da primeira década do presente século, Caparroz e Bracht (2007) apontam que não é função dos docentes de Educação Física que atuam na escola “aplicar” as teorias formuladas pelos acadêmicos. Para os autores, a teoria precisa ser ressignificada pela prática, formulando-se assim, novas teorias. O mais interessante disso é que apenas os professores e as professoras que lecionam nas escolas podem fazer isso, pois eles e elas que estão todos os dias organizando as suas atividades de ensino para proporcionar vivências, reflexões, debates e diálogos sobre as práticas corporais com os/as estudantes.

Nessa perspectiva, defendemos então que os/as docentes de Educação Física precisam atuar como intelectuais transformadores. Na visão de Giroux (1997), os professores e as professoras necessitam relacionar o seu planejamento, embasado pelas teorias da sua área de atuação, com uma ação didática que possa fortalecer os alunos e as alunas com habilidades e conhecimentos para interpretar o mundo de forma crítica, passando assim a participar de forma consciente da sua própria história.

Assim, concordamos com Bossle (2018) quando afirma que um professor ou uma professora de Educação Física que pretende ser um intelectual transformador, precisa reconhecer constantemente as possibilidades de mudança, de transformações, além de se posicionar contrário às injustiças sociais, econômicas e políticas que se relacionam com as práticas corporais tematizadas na escola. Nesse sentido, debater temáticas sobre raça, gênero e sexualidade enfatizadas pela cultura dominante, de forma crítica, relacionando esses marcadores sociais com as manifestações da cultura corporal, de acordo com o seu contexto educacional, pode tornar esse docente um autor da sua própria prática.

A literatura da Educação Física, principalmente na segunda década do século XXI, começa a mostrar diferentes experiências pedagógicas em que os/as docentes desse componente possam ser considerados autores e autoras da sua própria prática pedagógica, principalmente porque eles e elas passam a dar publicidade de forma sistematizada, ao modo como que organizam os seus projetos educativos, relacionando a teoria com a prática e refletindo sobre as questões econômicas, políticas e sociais, relacionadas às práticas corporais. O leitor e a leitora podem analisar essas experiências pedagógicas em Okimura-Kerr et al. (2017), Neira (2017) e Maldonado, Nogueira e Farias (2018).

Mais do que apenas descrever situações vivenciadas com os alunos e as alunas, o objetivo deste texto é mostrar o nosso esforço para organizar experiências educativas autorais, que fazem sentido e transbordam significados para a vida dos/das estudantes. Ressaltamos ainda que ao final, evidenciaremos aos responder aos leitores e às leitoras que jamais nos encontramos entre “o não mais e o ainda não”, no que diz respeito à forma de organizar a prática pedagógica da Educação Física Escolar.

BADMINTON: A PETECA OLÍMPICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Considerado um dos esportes de raquete mais rápidos do mundo, o badminton, modalidade de origem asiática e olímpica a partir de 1992, em Barcelona, é pouco difundido no Brasil quando comparado com outras manifestações corporais esportivas. Diante disso, dentre outros fatores, essa proposta foi conduzida com a finalidade de ampliar não só o repertório cultural esportivo dos envolvidos, mas oferecer novos discursos e olhares em torno das possibilidades de ação, uma vez que para muitos, a princípio, esportes com raquetes “são estranhos e certamente não terão lugar na escola”.

O trabalho foi desenvolvido com turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, em uma escola pública localizada na periferia de Itanhaém, partindo de seminários e apresentações envolvendo o levantamento de todos os esportes com bastão e/ou implementos. O objetivo das apresentações por parte dos alunos e das alunas consistia em relatar e/ou demonstrar o máximo de informações possíveis sobre curiosidades e desenvolvimento das modalidades com implementos definida por sorteio (tênis, golfe, hóquei etc.), no tempo máximo de 15 minutos, abrindo mais 10 minutos (caso necessário) para perguntas e esclarecimentos junto aos colegas de sala e professor.

Durante aproximadamente quatro semanas, foi possível fazer um resumo dos trabalhos e apresentações (incluindo maquetes e painéis expostos nas paredes da escola) com o objetivo de fomentar o interesse da turma a partir das apresentações. Como esperado, o interesse foi aumentando gradativamente, gerando expectativas para o exercício do novo. Um segundo passo consistiu no aprofundamento oportuno do badminton, pois ao final das devolutivas, o professor relatou suas próprias experiências com a prática corporal e destacou o desafio bem como a diversão no exercício pessoal dessa modalidade.

A partir de então, decidimos começar as vivências uma vez que a teoria geral da modalidade fora explorada nas aulas precedentes. Algumas generosas doações por parte de amigos e colegas de clube garantiram o acesso aos materiais necessários (raquetes, petecas e rede) para a prática inicial do badminton na escola. Na sequência, um trabalho de elementos básicos a partir de atividades de “rebatida” e conceitos simples sobre posicionamento possibilitou o sucesso nas “divertidas” rebatidas, com um simples toque da raquete na peteca e deslocamentos moderados.

Grande parte da vivência proposta foi direcionada para as principais características da modalidade que consistem nas rebatidas e posicionamentos dos jogadores e das jogadoras. Foram desenvolvidos diversos desafios utilizando baldes, cones, raquetes, elásticos, diversas petecas, dentre outros materiais. Sempre com a finalidade da vivência sem apelos e correções técnicas desnecessárias no momento.

O badminton é um esporte de fácil acesso e proporciona momentos de diversão e sucesso “*técnico*”, uma vez que acertar a peteca diversas vezes deixa qualquer pessoa “*fera*” na modalidade. No entanto, muitos foram os momentos em que alguns alunos e algumas alunas tiveram dificuldades em sacar e/ou simplesmente rebater, pois as raquetes de badminton possuem características peculiares como cabo longo e “*cabeça*” pequena, exigindo dos envolvidos atenção para aplicação dos fundamentos básicos.

Após diversas intenções e intervenções os/as discentes foram ficando nitidamente mais habilidosos e atentos ao ponto de formar duplas (grande parte delas compostas por meninos e meninas) para jogos e desafios. Um deles é o acerto de petecas no “balde” (utilizado como meta para melhorar o controle do saque) onde a distância média é de 2,5m que separa o ponto inicial do saque ao balde onde a peteca deve ser colocada exclusivamente com o fundamento do saque. Vence a equipe que conseguir acertar o maior número de petecas possíveis dentro do balde, respeitando o tempo estabelecido pelos grupos. A construção de desafios nessa etapa partia dos próprios estudantes “empoderados” dos códigos da modalidade e mais tranquilos com a utilização de raquetes e petecas nas aulas de Educação Física, o que parecia ser um desafio a princípio.



Figura 1 – Vivências com Badminton nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.

O ponto forte da avaliação (produção de material), além dos seminários que antecederam o estudo da modalidade, como forma de estimular a abordagem, consistiu principalmente na produção dos relatos de experiência nos quais alunos e alunas textualizaram suas dificuldades, opiniões, críticas e expectativas futuras relacionadas à prática do badminton na escola durante as aulas de Educação Física e fora dela.

O procedimento permitiu avaliar como essas experiências foram percebidas e “incorporadas” pelos/as estudantes com a possibilidade de realizar adaptações futuras e estruturais na escola para a manutenção da prática, tais como: pinturas de quadras, em medidas oficiais, instalações de mecanismos permanentes na montagem de redes (confeccionada para a prática do badminton) promovendo um entusiasmo ainda maior com os novos códigos esportivos apresentados durante

as aulas de Educação Física na escola, desmitificando a entrada de determinadas modalidades no “chão escolar”.



Figura 2 – Quadra de Badminton na escola.

A introdução do jogo de badminton nas aulas de Educação Física nessa unidade escolar encontra-se em fase de ampliação, pois em pouco tempo a ação apresentou resultados pedagógicos ricos e relevantes para o grupo. O foco avaliativo destacado está no avanço e no desenvolvimento, inclusive, da coeducação (meninos e meninas) uma vez que permite, dentre outras possibilidades, diálogos democráticos sobre sua prática dentro e fora da escola no campo das possibilidades ao alcance de todos e todas. Existem, portanto, boas razões para compreender o badminton como um tema oportuno a ser desenvolvido na escola.

TEMATIZAÇÃO DE DIFERENTES PRÁTICAS ESPORTIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

A experiência foi realizada no ano de 2018, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo. Ao iniciar o ano letivo e conhecer os alunos e alunas, planejei que iria tematizar diferentes práticas corporais com esses estudantes, refletindo sobre diversificados aspectos que envolvem essas manifestações da cultura corporal. Os jovens vivenciaram e refletiram sobre questões biológicas, fisiológicas, históricas, sociais, econômicas e políticas de algumas danças, lutas, ginásticas, jogos, brincadeiras e esportes. Entretanto, este artigo aborda como as aulas relacionadas aos esportes foram organizadas e desenvolvidas.

Para tentar superar a dicotomia entre “aula prática” e “aula teórica” na Educação Física, expliquei aos/às estudantes que iriam vivenciar os gestos de diferentes esportes durante as aulas, mas também teriam que refletir e discutir sobre diversos temas que envolvem as práticas esportivas. As atividades didáticas aconteceram em muitos ambientes da escola, tais como ginásio, bosque, tatame, sala de aula e sala de vídeo. Além disso, todos e todas teriam que realizar pesquisas, estudar sobre os temas propostos, apresentar os seus trabalhos e

participar de forma ativa dos debates sistematizados.

Importante destacar que concordo com as reflexões apresentadas por Martins e Darido (2018) relacionadas com a estrutura de uma aula de Educação Física, em que o docente associa as reflexões realizadas nas aulas com as vivências desenvolvidas. Na visão do autor e da autora, da qual compartilho, para existir sentido e significado para os/as estudantes, os conteúdos desenvolvidos nas aulas desse componente curricular precisam ser tematizados a partir de uma metodologia dialógica, possibilitando que os alunos e as alunas experienciem diferentes práticas corporais e analisem os vários aspectos que se relacionam com essas manifestações da cultura corporal.

Decidi então iniciar as aulas com atividades de ensino mais reflexivas, possibilitando que os/as jovens analisassem e debatessem sobre temas relevantes para a formação de um pensamento crítico e sistematizado sobre as práticas corporais. Na sala de aula, discuti com esses estudantes sobre a utilização de anabolizantes nos esportes, levando em conta os “benefícios” e os efeitos colaterais que podem causar em pessoas que realizam diferentes modalidades esportivas, convidei uma nutricionista que explanou sobre vários conhecimentos relacionados com os suplementos alimentares, as dietas da moda e a hidratação/desidratação durante a realização de esportes, mencionei que o esporte profissional nem sempre pode ser considerado saudável, por conta das suas características e pelo nível elevado de competição, já que pode causar diferentes lesões e doenças nos atletas, além de analisar as relações entre crescimento e desenvolvimento humano com as práticas esportivas e refletir sobre alongamento, aquecimento e atividade física.

Claro que essas discussões e reflexões foram realizadas em diferentes aulas, devido à complexidade dos temas. Nesse contexto, passamos a vivenciar também diferentes práticas esportivas, já que não fazia sentido debater sobre essas temáticas e não experienciar essas práticas corporais. Ao longo do ano, os jovens vivenciaram os gestos de alguns esportes, tais como tênis, badminton, goalball, basquete em cadeira de rodas, basquete, slackline, tchoukball, beisebol, volêi, handebol e peteca.

Essas modalidades esportivas foram escolhidas por conta das suas diferentes características, já que entre elas existem esportes coletivos, individuais, radicais e para pessoas com deficiência. Além dessa questão, também é importante destacar que essas escolhas estiveram relacionadas com os materiais existentes na unidade escolar e por questões culturais, pois considero relevante discutir com os estudantes que as práticas corporais, muitas vezes, possuem questões históricas e sociais muito marcadas por diferentes culturas, já que a Educação Física foi, por muito tempo, colonizada por manifestações da cultura corporal estadunidenses e europeias, desvalorizando outras formas de se-movimentar (NEIRA, 2007).

A tematização de práticas corporais advindas de diferentes contextos socioculturais busca alcançar a ideia de justiça curricular, que pode ser considerada os resultados do currículo colocado em ação pelos professores e pelas professoras, possibilitando que todas as atividades de ensino propostas por esses docentes considerem a realidade de diversificados grupos sociais, promovendo assim a construção de um mundo mais humano, justo e democrático (SANTOMÉ, 2013). Considero importante ressaltar que, ao tematizar outras manifestações da cultura corporal durante esse mesmo ano letivo, como as danças, as ginásticas, os jogos e as brincadeiras, também busquei com que cada estudante, que possui mais facilidade e diferentes gostos, se envolvesse de forma mais significativa com a aula. A seguir, é possível observar imagens dos alunos e das alunas vivenciando algumas das modalidades esportivas desenvolvidas.



Figura 3 - Vivência de diferentes práticas esportivas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio (badminton, tênis, goalball, basquete em cadeira de rodas e slackline).

Para melhor compreensão das questões históricas e regras específicas das modalidades esportivas vivenciadas, os discentes produziram jogos de tabuleiro desses esportes, sendo que eles e elas foram divididos em grupos de três ou quatro pessoas e tiveram que criar jogos enfatizando a história e as regras da modalidade sorteada. No dia da apresentação desses trabalhos, que foi considerado como um instrumento de avaliação, todos os alunos e todas as alunas participaram da aula jogando os jogos de tabuleiro que os colegas desenvolveram e, posteriormente, comunicaram os conhecimentos que aprenderam sobre as modalidades esportivas que estavam vivenciando. Abaixo, o leitor e a leitora podem observar algumas imagens das produções realizadas pelos estudantes.

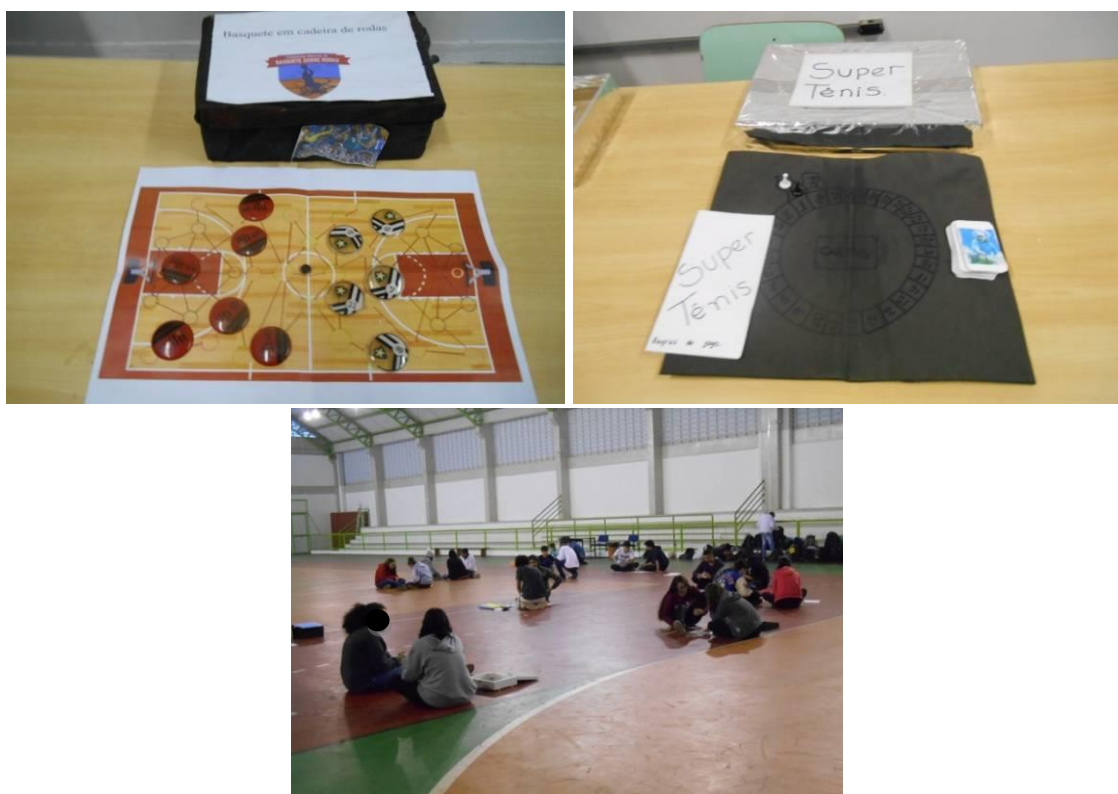


Figura 4 – Jogos de tabuleiro sobre diferentes práticas esportivas elaborados pelos alunos do Ensino Médio.

Durante as vivências realizadas e as aulas teóricas desenvolvidas, passei a abordar com os/as discentes temas de ordem social, política e econômica que perpassam a realidade esportiva. Nesse momento, os jovens realizaram a leitura de reportagens jornalísticas, como a publicação de uma carta da nadadora Joana Maranhão, que conta a sua história dentro da modalidade esportiva, relatando, inclusive, os abusos sexuais que sofreu de um técnico e todas as dificuldades que teve para chegar ao alto nível⁴, analisaram o conteúdo de uma produção cinematográfica intitulada “A Corrida do Doping”, que mostra a realidade sobre a utilização de anabolizantes entre atletas profissionais do mundo inteiro, por conta da pressão que enfrentam para ganhar medalhas, debateram sobre pequenos

⁴ A reportagem pode ser encontrada nesse link <https://globoesporte.globo.com/pe/noticia/acabou-jujuca-e-agora-escrevo-para-te-dizer-que-voce-nao-teve-culpa.ghtml>

documentários retirados do YouTube nomeados “Quero treinar em paz”⁵, que foram produzidos durante as Olimpíadas realizadas no Brasil e mostram todos os preconceitos que as esportistas femininas sofrem para se tornar grandes atletas, além da leitura de artigos retirados da revista Carta Capital, que possui na sua essência editorial a realização de discussões que fogem do padrão da mídia tradicional.

Os textos selecionados da Carta Capital versavam sobre diferentes marcadores sociais⁶ que estão inseridos nas práticas corporais, como gênero, etnia, religião e classe, além de abordar questões políticas e sociais relacionadas com os esportes, como a corrupção no futebol, futebol feminino, imigração, racismo no esporte e transmissão dos jogos de futebol pelas redes sociais. Os títulos das reportagens utilizadas podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Reportagens da Revista Carta Capital utilizadas para a elaboração do jornal da turma

Copa: novos casos de assédio são denunciados e torcedores brasileiros podem responder processo criminal na Rússia.
José Maria, era presidente da CBF, é condenado a quatro anos de prisão nos EUA.
FIFA e Rússia, uma relação que desperta suspeitas.
Palestinos comemoram cancelamento de amistoso da Argentina em Jerusalém, Israel acusa de “Terrorismo esportivo”.
Europa nega abrigo, mas comemora gols dos filhos de imigrantes.
Facebook amplia transmissão de futebol na rede e cria expectativa nos clubes brasileiros.
A revolução do futebol jogado por mulheres.
Protesto de jogadores negros da NFL mostra falácia da era pós-racial.
Futebol nas mãos da Globo: Propina não é o único problema.

Para fomentar discussões e debates sobre esses temas abordados, a turma organizou uma espécie de jornal, reescrevendo esses textos e fazendo uma breve apresentação de cada um deles para todos e todas. Dois estudantes tiveram a responsabilidade de elaborar a capa desse jornal, que foi nomeado de “Portal da Verdade” e pode ser analisado na Figura 5.

⁵ Os documentários podem ser acessados nesse link <https://www.uol/olimpiadas/especiais/querotreinarempaz.htm#querotreinar-empaz>

⁶ Para compreender melhor o que são marcadores sociais e como eles se relacionam com as práticas corporais, sugiro a leitura da obra “Educação Física Cultural: Inspiração e prática pedagógica”, publicada pelo professor Marcos Neira, no ano de 2018.



Figura 5 – Capa do jornal criado pela turma durante as aulas de Educação Física.

Destaco aqui a importância de utilizar diferentes materiais didáticos para auxiliar nas discussões e debates dos temas biológicos, fisiológicos, históricos, políticos, econômicos e sociais que se relacionam com as práticas corporais. Na minha percepção, utilizar filmes, documentários, reportagens de diferentes mídias, além de possibilitar que os próprios estudantes realizem as suas produções, como foi feito nessa experiência pedagógica com os jogos de tabuleiro e o jornal da turma, torna a experiência mais reflexiva e coloca o/a discente como autor/a do seu próprio aprendizado.

Ainda menciono que pesquisadores e pesquisadoras analisaram a utilização de materiais didáticos nas aulas de Educação Física e mostraram que os alunos e as alunas aprendem sobre os conteúdos do componente curricular de forma significativa quando os/as docentes utilizam reportagens jornalísticas durante as suas aulas (DINIZ; RODRIGUEZ; DARIDO, 2012), além de apontar que os professores e as professoras dessa área de conhecimento utilizam diferentes textos escritos para colocar o currículo em ação, em todos os ciclos de escolarização (VIEIRA; FREIRE; RODRIGUES, 2015), possibilitando que outros temas, além dos esportes coletivos com bola, também passem a fazer parte dos conteúdos da Educação Física Escolar.

Para finalizar esse projeto educativo, que durou um semestre letivo, os/as estudantes organizaram charges e crônicas sobre os temas que estudaram durante as aulas, além de produzir um documentário sobre uma modalidade esportiva do seu interesse. Nesse sentido mostrarei, a seguir, algumas produções desses discentes, para enfatizar que os conteúdos discutidos durante as aulas foram

ressignificados pelos/as jovens, possibilitando que eles e elas organizassem produções autorais dos temas que foram debatidos.

Quadro 2 – Machismo no esporte

Assédio, o vilão do esporte

Pode ser apenas mais um dia normal para você, talvez para milhões de pessoas, entretanto nesse mesmo momento mulheres estão sendo assediadas, seja no transporte público e até mesmo em seu ambiente de trabalho.

O assédio no esporte não é um assunto discutido como no transporte, porém acontece em tanto ou maior quantidade. Nas últimas semanas um vídeo foi redigido por jornalistas femininas esportivas para que esse assunto entre numa pauta comum no cotidiano de todos.

Muitas atletas inspiradas pela #DeixaElaTrabalhar se manifestaram a respeito desse tipo de violência que já viveram.

A atleta olímpica Bárbara Seixas (medalhistas de ouro no vôlei de praia) relatou o acontecimento de uma entrevista após receber sua medalha. O cinegrafista registrava apenas o seu corpo, fazendo perguntas íntimas ao invés de seu desempenho como atleta.

Outro caso que podemos citar é o da atleta de saltos ornamentais Ingrid Oliveira, que quando postou uma foto de maiô no alto da plataforma, recebeu inclusive propostas para fazer programa.

Até quando as mulheres serão vistas apenas como objetos, corpos, rostos e vitrines, sem que olhem seu valor pessoal e profissional? Não devemos calar-nos diante de situações constrangedoras como essas, mesmo que isso nos cause dor e vergonha.

O assédio e a violência contra a mulher dentro e fora do esporte devem parar porque, assim como os homens, elas estão lá para realizar seu trabalho da melhor maneira possível, tendo resultados sempre melhores, buscando evoluir para si e sua pátria.

Apenas 48% das mulheres reagem após sofrer assédio, esse número é muito baixo quando o comparamos com a sua gravidade. Não devemos parar, não devemos nos esconder, não devemos sentir vergonha. Todas as atletas, jornalistas e líderes de torcida devem se juntar para incentivar mulheres “comuns” a tomar alguma atitude.

Por que quando uma atleta de salto a distância pede ao fornecedor o uniforme M recebe PP? Por que para as mulheres lutar pelas mesmas conquistas é mais difícil?

Somos mulheres e por si só já nascemos batalhando e não devemos desistir. Precisamos denunciar toda e qualquer forma de violência que recebemos, venha ela de um colega de trabalho, patrão, torcedor, treinador ou amigo.

Todas as mulheres estão lá para trabalhar, buscar uma medalha ou título, competir, jogar e não serem violadas, assediadas e invadidas.

Elas não irão parar, nós não iremos parar, vamos denunciar cada ofensa, cada agressor porque nessa luta apenas a justiça e a igualdade podem sair vencedoras.

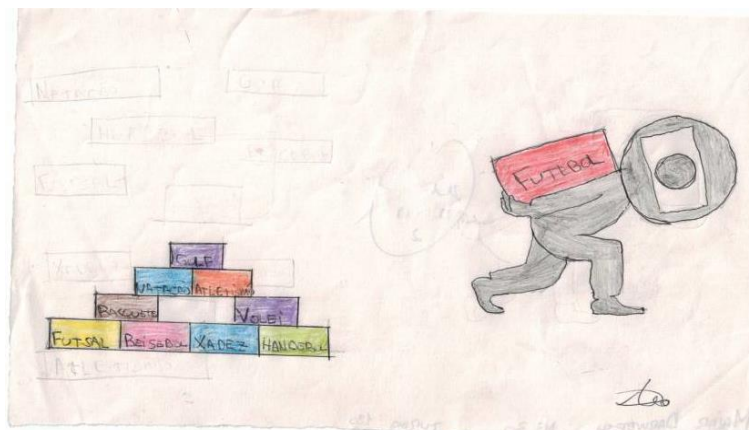


Figura 6 – Relação da mídia tradicional com as modalidades esportivas.

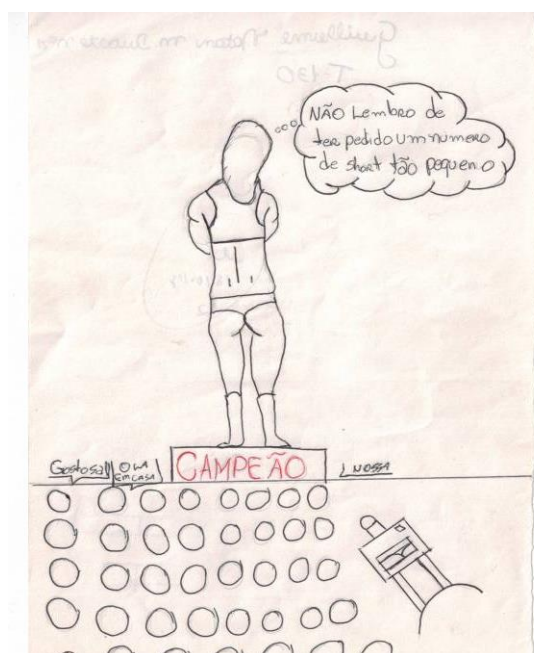


Figura 7 – Machismo nas práticas corporais.



Figura 8 – Utilização de anabolizantes nos esportes.

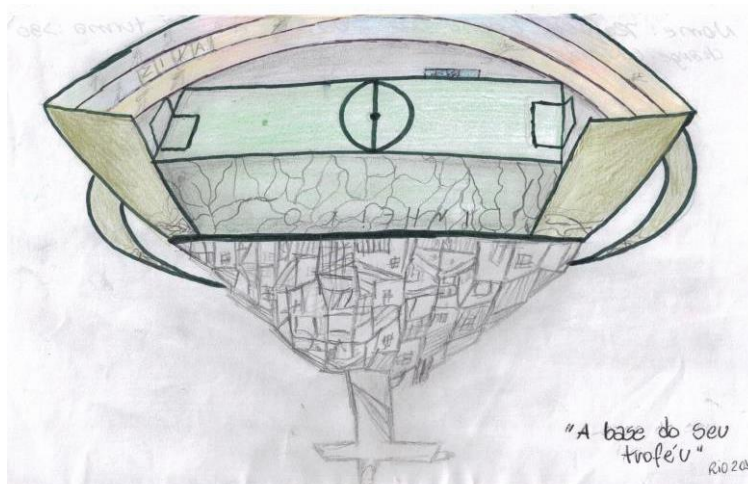


Figura 9 – Megaeventos esportivos e a desigualdade social no Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste texto foi descrever duas experiências pedagógicas de professores que lecionam no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e desenvolvem projetos educativos relacionados com a tematização de esportes com os/as estudantes. Além disso, fizemos a proposta de refletir se a Educação Física Escolar ainda se encontra entre o “não mais e o ainda não”, como foi mencionado por González e Fensterseifer (2009).

Foi possível perceber que os dois docentes que expuseram a sua prática pedagógica organizam as suas ações didáticas com características próprias, mas também possuem afinidades na forma de pensar o ensino da Educação Física. A principal características da prática pedagógica dos dois professores é proporcionar um olhar amplo aos/às estudantes sobre as modalidades esportivas tematizadas, se afastando de uma organização didática centrada apenas no desenvolvimento das habilidades motoras, das capacidades físicas e do treinamento de alguns esportes em suas aulas.

Na primeira metade do século XXI, pudemos observar um enorme número de publicações da área de Educação Física, na maioria das vezes desenvolvidas por professores e professoras que atuavam na Universidade, na sua maioria jamais atuaram na Educação Básica, mostrando “caminhos” que os/as docentes desse componente curricular poderiam seguir para organizar as sua prática pedagógica na escola (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2013; MOREIRA, 2009; MOREIRA; PEREIRA, 2011;). Essa produção acadêmica, em conjunto com o crescente número de profissionais que passaram a trocar experiências em eventos da área (MALDONADO et al., 2018), participar de grupos de estudos ou continuar a sua formação em programas de Mestrado e Doutorado (NEIRA; NUNES, 2018), possibilitou que uma nova geração de docentes pensassem, por dentro dos muros

escolares, de forma autoral e crítica, sobre a organização da sua prática pedagógica.

Como se observa, não estamos em um paradigma denominado “entre o não mais e o ainda não”, aliás, diga-se de passagem, a historiografia da área evidencia que isso nunca aconteceu (OLIVEIRA, 2002). Mas, situando os trabalhos narrados, em que os/as docentes organizam os seus projetos educativos, tematizando diferentes manifestações da cultura corporal, problematizando conhecimentos biológicos, fisiológicos, históricos, econômicos, políticos e sociais, escrevendo relatos sobre a sua própria prática, trocando experiências nos eventos da área e nas formações organizadas pelas redes de ensino, além de não aceitarem mais que um grupo de “iluminados” (ARROYO, 1999) lhes digam o que deve ser desenvolvido em suas aulas. Entramos no paradigma em que os professores e as professoras podem ser considerados/as como intelectuais da sua própria prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículo: políticas e práticas*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 131-164.
- ARROYO, Miguel. *Currículo, território em disputa*. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOSSLE, Fabiano. Nosso “inédito viável”: professor de Educação Física intelectual transformador. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Vadilene Aline; FARIAS, Uira Siqueira. *Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira*. Curitiba: CRV, 2018. p. 19-34
- CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/o-tempo-o-lugar-uma-didatica-educacao-fisica/>.
- DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. *Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- DINIZ, Irla Karla dos Santos; RODRIGUES, Heitor Andrade; DARIDO, Suraya Crista. Os usos da mídia em aulas de Educação Física Escolar: possibilidades e dificuldades. *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 183-202, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27108>.
- GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais e o ainda não”: pensando saídas do não lugar da Educação Física Escolar I. *Cadernos de Formação RBCE*. v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929>.

MALDONADO, Daniel Teixeira et al. Índícios de mudanças na prática pedagógica dos professores de Educação Física Escolar: análise dos estudos publicados em anais de eventos nacionais. *Corpoconsciência*. Cuiabá - MT, v. 22, n. 1, p. 77-92, 2018. Disponível em:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6279>.

MARTINS, Raphael Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A relação entre a teoria e a prática nas aulas de Educação Física: em busca de uma síntese possível. In: SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira; FERREIRA JÚNIOR, José Ribamar. *Saberes em ação na Educação Física: temas contemporâneos para a docência*. Curitiba: CRV, 2018. p. 33-46.

MOREIRA, Evando Carlos. *Educação Física Escolar: desafios e propostas*. 2. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov. *Educação Física Escolar: desafios e propostas 2*. 2. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2011.

NEIRA, Marcos. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação Física cultural: o currículo em ação*. São Paulo: Labrador, 2017.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. As possibilidades de emergência do currículo cultural da Educação Física: contribuições do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da FEUSP (GPEF). In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira. *Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira*. Curitiba: CRV, 2018. p. 173-196

MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uira Siqueira. *Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira*. Curitiba: CRV, 2018.

OKIMURA-KERR, Tieme et al. *Educação Física no Ensino Fundamental I: perspectiva de sistematização dos blocos de conteúdos temáticos*. Curitiba: CRV, 2017.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. *Educação e Pesquisa*. v. 28, n. 1, p.51-75. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100004&script=sci_abstract&lng=pt.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. *Portas abertas para a Educação Física*. São Paulo: Phorte, 2013.

VIEIRA, Pollyane Barros Albuquerque; FREIRE, Elisabete dos Santos; RODRIGUES, Graciele Massoli. O texto escrito como recurso didático nas aulas de educação física: perspectivas e experiências dos professores. *Movimento*. Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 929-944, 2015. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/51702>.